

Cláudia Costa
Cabral

h

ISTÓRIA DE UM LUGAR MODERNO: CLORINDO TESTA e O CENTRO CÍVICO DE SANTA ROSA, LA PAMPA

RESUMO

Santa Rosa, capital da jovem província de La Pampa, Argentina, foi fundada em 1892, ao término das campanhas militares que exterminaram as populações indígenas e asseguraram o controle republicano sobre os territórios do sul, da região pampiana à Patagônia. Em 1955, a cidade promoveu um concurso público, para a construção do seu Centro Cívico. A tarefa colocada pelo concurso não correspondia a uma simples operação de preenchimento, destinada a renovar o centro urbano propriamente dito, com a elevação de uma nova fachada sobre um dos quatro lados da praça principal. Ao contrário, os competidores deveriam organizar um conjunto de novos edifícios e espaços públicos, sobre um terreno de nove hectares, excêntrico com relação ao core fundacional. Tratava-se de fazer, quase do zero, um pedaço novo de cidade, precisamente no limite entre a cidade existente e o imenso pampa que a cercava.

A proposta de Clorindo Testa, vencedora, foi construí-lo como um pedaço de cidade moderna. Situado em meio ao pampa argentino, o Centro Cívico de Santa Rosa tem sido menos examinado que outros importantes edifícios de Clorindo Testa no mesmo período, como o Banco de Londres (1959) ou a Biblioteca Nacional (1962), ambos em Buenos Aires. A Casa de Governo, a Estação Terminal de Ônibus e a praça coberta se constroem antes de 1963. Testa finaliza o Palácio do Legislativo em 1976, e, ainda que em 2006 volte a construir em La Pampa, com a inclusão da pequena Biblioteca do Legislativo, a metade da área originalmente destinada ao Centro Cívico permanece livre. No entanto, como peça viva de um projeto moderno, talvez nunca concluído, instalado no extremo sul, o caso de La Pampa parece colocar questões urbanas relevantes. O artigo explora o caso em dois sentidos complementares. O primeiro focaliza o resultado do primeiro concurso, reconhecendo nele uma contribuição original para as relações entre modernidade, monumento e lugar. O segundo discute a condição inacabada do Centro Cívico como constitutiva da tradição moderna, no sentido intrinsecamente moderno da cidade mesma, como obra que jamais se completa.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura moderna, cidade moderna, centro cívico, Clorindo Testa, modernidade, monumentalidade, lugar, América Latina, áreas centrais (Argentina).

HISTORIA DE UN LUGAR MODERNO:
CLORINDO TESTA Y EL CENTRO CÍVICO DE
SANTA ROSA, LA PAMPA

RESUMEN

Santa Rosa, capital de la joven provincia de La Pampa, Argentina, há sido fundada en 1892, al final de las campañas militares que aniquilaron a los pueblos indígenas y aseguraron el control republicano sobre los territorios del sur, desde la región pampiana hasta la Patagonia. En 1955, la ciudad realizó un concurso público, para la construcción de su Centro Cívico. La tarea propuesta por el concurso no correspondía a una simple operación de compleción, destinada a renovar el centro urbano propiamente dicho, con la elevación de una nueva fachada en uno de los cuatro lados de la plaza principal. Al contrario, los competidores deberían organizar un conjunto de nuevos edificios y espacios públicos, en una superficie de nueve hectáreas, excéntrico con respecto al núcleo fundacional. Así se tendría que hacer, casi a partir de cero, una nueva pieza de la ciudad, justo en el límite entre la ciudad existente y la pampa inmensa que la rodeaba.

Clorindo Testa ganó el concurso con la propuesta de construir el nuevo conjunto como un trozo de ciudad moderna. Situado en el medio de la pampa argentina, el Centro Cívico de Santa Rosa ha sido menos analizado que otros importantes edificios de Clorindo Testa del mismo período, como el Banco de Londres (1959) y la Biblioteca Nacional (1962), ambos en Buenos Aires. La Casa de Gobierno, la Estación Terminal de Autobuses y el espacio central cubierto se construyen antes de 1963. Testa terminó el Palacio Legislativo en 1976, y, aunque ha vuelto a construir en La Pampa en 2006, con la inserción de la pequeña Biblioteca del Legislativo, la mitad del área destinada originariamente al Centro Cívico permanece libre. Sin embargo, como parte de un proyecto moderno, quizás nunca concluido, instalado en el extremo sur, el caso de La Pampa parece plantear importantes cuestiones urbanas. Este trabajo explora el caso en dos direcciones complementarias. Una se centra en el resultado del primer concurso, reconociendo en él un aporte original a las relaciones entre modernidad, monumento y lugar. La segunda analiza la condición inacabada del Centro Cívico como parte constitutiva de la tradición moderna, en el sentido mismo de la ciudad moderna como una obra que nunca se completa.

PALABRAS CLAVE

Arquitectura moderna, ciudad moderna, centro cívico, Clorindo Testa, modernidad, monumentalidad, lugar, Latinoamérica, áreas centrales (Argentina).

HISTORY OF A MODERN PLACE: CLORINDO TESTA AND THE SANTA ROSA CIVIC CENTER, LA PAMPA

ABSTRACT

Santa Rosa, capital of the young province of La Pampa, was founded in 1892 at the end of the military campaigns that annihilated the indigenous people and ensured republican control over the Patagonia region. In 1955, the city held a design competition for the construction of its Civic Center. This was not a current infill operation intended to renew the core of the city, since it was not just a matter of raising a new facade along one of the four sides of the main square. The task implied designing, almost from scratch, a new part of city. Competitors were supposed to organize new buildings and public spaces within an area of nine hectares standing between the existing city and the surrounding pampas. Clorindo Testa won the competition by proposing that it be built as a piece of a modern city. Situated in the middle of Argentinean pampas, the Santa Rosa Civic Center has been less extensively discussed than other of Testa's great contemporary works, such as the London Bank (1959) and the National Library (1962), both in Buenos Aires, even in the South American context. The Government Building, the Bus Station and the covered central space were built before 1963. Testa finished the Legislature Building in 1976, and even though in 2006 he was able to conclude the little Legislature Library, half of the Civic Center area still remains as open space. Nevertheless, as a living piece of the never-completed modern project installed in the far south, La Pampa's case seems to pose relevant urban questions. This paper explores the case from two complementary perspectives. One focuses on the results of the first competition, recognizing an original contribution to the relationship between modernity, monument, and place. The second discusses the unfinished condition of the Civic Center as constitutive to modern tradition in the very modern sense of the city as a never-completed work.

KEY WORDS

Modern architecture, modern city, civic center, Clorindo Testa, modernity, monumentality, place, Latin America, central areas (Argentina).

INTRODUÇÃO

¹ Alguns esclarecimentos sobre a autoria do projeto vencedor são necessários. Clorindo Testa apresentou-se sozinho ao concurso de La Pampa, sendo, portanto, o único autor do projeto premiado. Augusto Gaido e Francisco Rossi, que viriam a colaborar no desenvolvimento do projeto vencedor, haviam assinado um documento contrário à realização do referido concurso, face a inexistência de um plano diretor para Santa Rosa, razão pela qual decidiram não participar do certame. Posteriormente à decisão final, incorporaram-se ao projeto, a convite de Testa. (Entrevista com Clorindo Testa, julho de 2008.) Ver também a excelente compilação de concursos de arquitetura na Argentina, entre 1825-2006, organizada por Rolando Schere, em que consta a indicação de Clorindo Testa como único vencedor, em primeiro lugar (SCHERE, 2008, p. 255).

² Esta base gráfica pode ser consultada em trabalhos anteriores: CABRAL, C. P. C. Notes on the unfinished modern monument. Clorindo Testa's Civic Center in Santa Rosa, La Pampa. In: 10th International Docomomo Conference – The Challenge of Change. Dealing with the Legacy of the Modern Movement. Rotterdam: IOS Press, Delft University Press, 2008; CABRAL, C. P. C.; CORADIN, C. S. Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006). In: Comas, C. E. D.; Mahfuz, E.; Cattani, A. (Orgs.) 7º Seminário Docomomo Brasil - O moderno já passado, o passado no moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitetura. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

Desde a época colonial, o pampa foi reconhecido como uma espécie de território vago, cuja mitologia incorporou o temor à vastidão sem limites de uma natureza aparentemente sempre igual (ZAGO, 1999, p. 13). Em *Radiografía de la pampa* (1930), o escritor argentino Ezequiel Martínez Estrada apresenta o pampa como a metáfora da própria América, este “*novo mundo, recém descoberto*”, que “*não estava localizado ainda no planeta, nem tinha forma alguma*”, quando os europeus aqui desembarcaram por primeira vez (MARTÍNEZ ESTRADA, 1997, p. 5). Em sua abordagem histórico-sociológica, mas também poética, da paisagem física e cultural argentina, Martínez Estrada descreve a geografia do pampa como equivalente ao vazio incomensurável que precede a civilização. O pampa é, para ele, a terra onde “*o homem está só como um ser abstrato, que há de recomeçar a história da espécie – ou de terminá-la*” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1997, p. 7).

Nesse contexto, as cidades foram exceção. Santa Rosa, capital da jovem província de La Pampa, Argentina, foi fundada somente em 1892, ao término das campanhas militares que exterminaram as populações indígenas e asseguraram o controle republicano sobre os territórios do sul, da região pampiana à Patagônia. Quando, em 1955, esta cidade lançou o concurso público para seu Centro Cívico, não esperava executar uma simples operação de melhoramento urbano, mas, de fato, a construção ex-novo de um pedaço de cidade, sobre um terreno de nove hectares, no limite entre a cidade existente e o pampa. A proposta de Clorindo Testa, vencedora, foi construí-lo como um pedaço de cidade moderna.¹

A noção de vazio, que Martínez Estrada considerou fundante na mitologia do pampa, jogou um papel fundamental também na formação da ideia de cidade moderna. As operações de transformação que a arquitetura moderna propunha executar, sobre a cidade herdada do século 19, esperavam abrir o espaço vazio, em meio a densos tecidos urbanos, e reconciliar cidade e natureza. Não por acaso, essa preferência pelo vazio - a *tabula rasa* moderna - foi o alvo da crítica culturalista à ideia de cidade da arquitetura moderna em geral, doravante considerada incapaz de reconhecer o tecido urbano como constructo histórico e, como tal, objeto de preservação.

O artigo espera recolocar essa problemática sobre um lugar real e suas vicissitudes, o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa. O estudo partiu inicialmente da recomposição de uma base documental, referente à constituição do Centro Cívico como espaço urbano, destinada a tornar claras suas distintas etapas de configuração no tempo e correspondentes operações de transformação, previstas e/ou realizadas, nessas sucessivas etapas.²

SANTA ROSA, 1892. UMA CIDADE NO PAMPA

Clorindo Testa (1923), arquiteto e pintor, autor de uma vasta obra arquitetônica, que inclui o Banco de Londres (1959) e a Biblioteca Nacional (1962), em Buenos Aires, diz haver pintado, uma única vez, um mural para um

Figura 1: Clorindo Testa, Mural da Casa de Governo, Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, Argentina, 1956-1963. Fonte: Foto da autora, 2008.



edifício projetado por ele mesmo (BREA; DAGNINO, 1999, p. 124). Esse mural cobre uma das paredes da sala de audiências da Casa de Governo, no Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, o conjunto arquitetônico que foi objeto de concurso em 1955, vencido por Testa.

O mural de Testa para o Centro Cívico é uma pintura abstrata, cuja paleta se restringe às gamas do branco e negro (Fig. 1). Muito embora o caminho da abstração, na pintura, esteja associado à exclusão de conteúdos narrativos, por meio desse mural Testa oferece os elementos necessários para recontar uma história: a memória de circunstâncias ligadas à fundação de Santa Rosa. O mural é uma espécie de registro cartográfico, em branco e preto, do que muitos consideraram um genocídio planejado. Manchas de tinta, setas, datas, nomes e outras marcas estão dispostos para tomar nota dos fatos necessários à reconstrução do episódio histórico conhecido como Conquista do Deserto, que conduziu à fundação de Santa Rosa, em 1892.

O primeiro gesto importante é a linha horizontal, na parte superior da pintura. Essa linha representa “La Zanja de Alsina”, a trincheira de 374 km de extensão, três metros de largura e dois de profundidade, construída pelo ministro da Guerra Adolfo Alsina, em 1875. O objetivo era impedir as incursões indígenas à província de Buenos Aires. Os índios roubavam o gado das estâncias e, através de rotas Mapuche que cruzavam os Andes, conduziam os rebanhos até o Chile, com o consentimento das autoridades chilenas, que, com isso, esperavam ampliar sua influência sobre os territórios da Patagônia. A Zanja de Alsina permaneceu como uma linha de fronteira entre a civilização e a terra deserta ao sul, até que o general Julio Argentino Roca decidiu cruzá-la, numa grande campanha contra os indígenas. No lado direito do mural, a seta e as palavras “1879 EXPEDICIÓN DEL GRAL ROCA” indicam a linha de penetração ao território indígena. No centro do mural, a linha que representa a Zanja de Alsina é cortada por uma segunda linha, que corresponde à estrada de ferro ligando Buenos Aires a Santa Rosa, em

1897, depois do sucesso da campanha de Roca, em varrer as tribos indígenas de todas essas terras. Os nomes dos chefes indígenas Pincén, Namungurá, Calfucurá, Catriel, Painé, Epumer aparecem escritos sobre quatro manchas negras, dispostas na parte inferior da superfície pintada. Quatro buracos vazios, em memória de uma população Mapuche que, ao final da campanha do deserto, em 1884, estava reduzida a não mais de três mil índios.

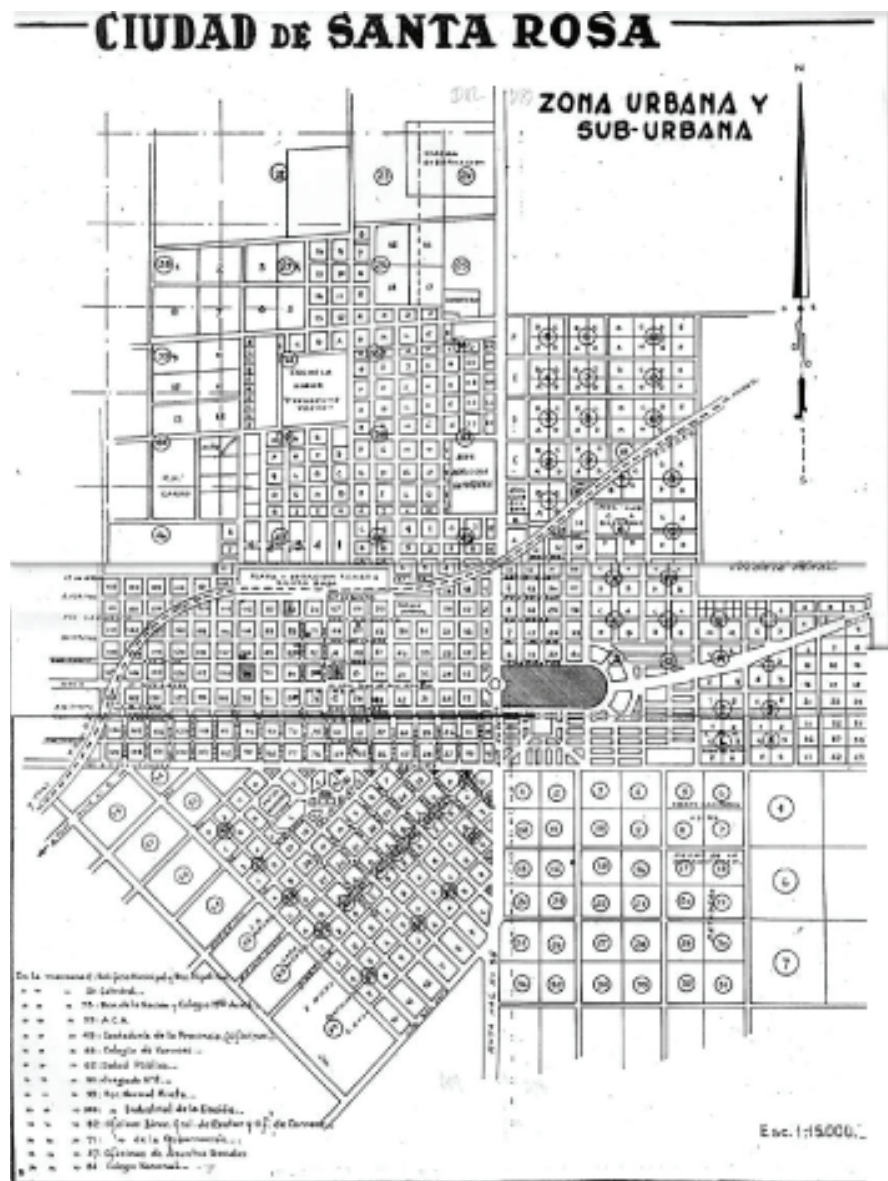
O Território Nacional de La Pampa só tem existência a partir desse episódio. Criado em 1884, estendia-se do sul da província de Buenos Aires às terras que hoje pertencem à província de Rio Negro. A área atual de La Pampa foi delimitada em 1945, quando esse território foi subdividido. La Pampa é hoje considerada uma província urbanizada, uma vez que, em razão do fenômeno universalmente conhecido como êxodo rural, a maior parte de sua população, de aproximadamente 300 mil habitantes, reside em cidades ou pequenos povoados. Entretanto são escassos os núcleos urbanos de maior expressão. Ainda hoje, dificilmente mais de três desses núcleos podem ser considerados cidades: Santa Rosa, capital, com população de 100.000 habitantes; General Pico, com 50 mil habitantes; General Acha, com pouco mais de 10 mil habitantes (ZAGO, 1999, p. 142).

Em seu estudo sobre a genealogia do plano urbano de Santa Rosa e suas transformações, Rodolfo García Palacios explica como o estabelecimento da cidade, em 1892, tem por base princípios distintos daqueles que haviam sido válidos durante o período de expansão colonial. No segundo período fundacional, entre o final do século 19 e início do século 20, produto da República Federal Argentina, são criados novos dispositivos legais e técnicos de regulação do território. Esses dispositivos definem, sobre o campo geográfico natural argentino, a “macroquadrícula”, uma grelha geométrica regular, em forma de tabuleiro de xadrez, que se sobrepõe de modo indiferente às diversas condições ambientais. Ao contrário do período colonial, “*as cidades deixam de ser pontos de avançada contra o índio*” – observa García Palacios -, “*e passam a pertencer a um sistema de subdivisão política do território, que as integra e ordena*” (GARCÍA PALACIOS, 2003, p. 151). Será essa rede virtual e abstrata que irá constituir a base cadastral para a fundação dos povoados. No caso de Santa Rosa, a macroquadrícula precede o traçado urbano, como marco regulador anterior ao processo de urbanização e divisão de lotes. As imagens de satélite da área de Santa Rosa demonstram ainda sua presença inelidível.

O lugar destinado ao Centro Cívico estava próximo às linhas de costura, entre as quatro frações da macroquadrícula sobre as quais fundou-se a cidade. Em janeiro de 1954, uma lei provincial declarou de utilidade pública e sujeitos à expropriação, nove hectares localizados no perímetro urbano da cidade de Santa Rosa, então atravessados pelo caminho que ligava a cidade a Buenos Aires (Ruta 5). A expropriação liberou uma área de superfície equivalente a oito quarteirões urbanos, para a construção do futuro centro cívico, desviando a estrada.

A chamada para o concurso nacional de anteprojetos, em 1955, foi organizada pela Sociedade Central de Arquitetos (Buenos Aires). O plano cadastral que acompanhou as bases do concurso (Fig. 2) mostra como o parcelamento urbano de Santa Rosa estava estruturado segundo a macroquadrícula, que virtualmente dividia a área urbana em quatro setores. O centro urbano ficava no setor Noroeste, e a área do futuro centro cívico no setor

Figura 2: Bases do concurso para o Centro Cívico de Santa Rosa, 1955, com a área proposta para o Centro Cívico hachurada. Fonte: Sociedad Central de Arquitectos, Buenos Aires.



estivera ali um par de verões, quando criança (1926) e na adolescência (1939). O cenário nos anos cinquenta ainda era o da pequena cidade com ruas de chão batido, flanqueadas por casas de um pavimento, construídas sobre os alinhamentos. O Centro Cívico não ficava no core urbano fundacional, mas distante seis quadras da praça principal, com a igreja e a prefeitura. Os competidores deveriam organizar um conjunto de novos edifícios e espaços públicos, sobre um terreno de nove hectares; estava claro que a tarefa colocada pelo concurso não correspondia a uma operação de preenchimento, destinada a renovar o centro urbano propriamente dito, com a elevação de uma nova fachada sobre um dos quatro lados da praça principal. Tratava-se de fazer, quase do zero, um pedaço novo de cidade, precisamente no limite entre a cidade existente e o imenso pampa que a circundava.

CENTRO CÍVICO, 1955. UM PEDAÇO DE CIDADE MODERNA

Testa vence o concurso, construindo esse lugar como um pedaço de cidade moderna. Se é verdade que temas corbusianos, especialmente aqueles recentemente explorados em Chandigarh (início em 1951), repercutiram nas ideias de Testa para o concurso de 1955, cumpre destacar que se tratava de situações de certo modo contrastantes, em escala e significado. Sobre um território intocado, Le Corbusier devia refundar, em termos modernos, uma cultura ancestral, porém presente; a tarefa de Testa era criar um novo espaço de reconhecimento cívico, para uma cidade existente, a despeito de quão jovem, ou quão perdida em meio à vastidão do pampa, ela pudesse parecer, se comparada às cidades do velho continente, ou mesmo às cidades que os europeus haviam fundado no Novo Mundo.

Os comentários de Testa sobre o sítio, tal como se apresentava nos anos cinquenta, descrevem a topografia como uma suave elevação, cercada por um

Figura 3: Clorindo Testa (com Augusto Gaido e Francisco Rossi), Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa. Casa de Governo e Praça Coberta, 1956-1963. Fonte: Arquivo de Clorindo Testa.



entorno predominantemente horizontal, onde quase todo o desenvolvimento urbano se estendia nas direções norte e oeste, enquanto ao sul e a leste prevalecia totalmente a paisagem pampiana (TESTA, 1963, p. 39). Sua proposta para o Centro Cívico, desenvolvida com a colaboração de Augusto Gaido e Francisco Rossi, incorporou essa percepção do sítio como limite, como zona de fronteira, entre o campo aberto e uma cidade cuja característica mais marcante era a presença ubíqua de seu traçado xadrez. Embora favorecendo a ideia moderna de protagonismo das áreas abertas e dos edifícios isolados, em oposição à constituição original dos quarteirões urbanos de Santa Rosa, a proposição de Testa para a área do Centro Cívico não é o arranjo aleatório de edificações sobre a área livre, nem é, tampouco, o arranjo exclusivamente definido por requisitos de ordem funcional. Testa alinha-se a um determinado tipo de composição moderna, baseada na disposição de objetos discretos sobre o espaço aberto, os quais, sem definir um sistema fechado de espaços, são capazes de estruturar a área projetada. Ainda que sem estar prioritariamente identificada com sensibilidades contextualistas, no sentido de que a distinção tradicional entre frente e fundo, válida para os demais quarteirões urbanos de Santa Rosa, não será conservada na área do Centro Cívico, a proposta de Testa e sua equipe está, sim, relacionada a condições específicas do lugar, como se pretende demonstrar.

O elemento principal da composição é a barra de 180 metros de comprimento, destinada à Casa de Governo, uma espécie de *zeilenbau* administrativo, concebido como edifício autônomo, disposto sobre o terreno não retificado (Fig. 3). Mas, apesar de recuada com relação aos alinhamentos urbanos, tal barra está geometricamente coordenada com o traçado xadrez de Santa Rosa, como preexistência. Com orientação norte-sul, a barra de quatro pavimentos se estende paralela ao lado maior do terreno, perpendicularmente às curvas de nível. A estrutura resistente, em concreto armado, define quatro linhas de pilares no sentido do comprimento, sendo as duas linhas exteriores coincidentes com a fachada. Não obstante afinidades confessas com o Le Corbusier do pós-guerra e sua preferência pelo concreto bruto, não se trata da barra sobre pilotis. Embora o declive seja pouco acentuado (2,5%), a grande extensão do bloco permite o aproveitamento da diferença de cota entre um extremo e outro do terreno, utilizando-se, segundo a memória descritiva do projeto, a “hoya” natural (cova, buraco) existente no terreno.

Essas condições de implantação permitiram a criação de um pavimento parcialmente em subsolo com relação ao nível da rua, sobre o qual se destaca uma planta intermediária de caráter público, projetada como faixa permeável. O movimento pedestre não é encorajado no nível do solo, mas direcionado para esse pavimento intermediário, por meio de duas rampas de acesso. Nesse nível, estão localizados os dois amplos vestíbulos, espaços que atravessam vertical e horizontalmente o edifício e ordenam os acessos ao nível inferior e aos dois pavimentos superiores. E, ao contrário da solução adotada por Le Corbusier no edifício do Secretariado, em Chandigarh (inaugurado em 1958), os espaços fechados se distribuem sempre entre os intervalos centrais da estrutura, liberando uma galeria exterior contínua, que visualmente interliga o interior do edifício com as áreas públicas externas.

Com respeito a esta primeira etapa do Centro Cívico, o precedente internacional no urbanismo corbusiano já foi destacado. Mas a proposta de Testa

pode ser apreciada também como uma espécie de ajuste entre a ordem moderna, racional, pautada por um critério geométrico e universal, e alguma classe de comprometimento empírico com o meio circundante. A implantação dos elementos arquitetônicos e o agenciamento dos espaços abertos reconhecem as condições particulares do terreno, de uma simetria absoluta do ponto de vista geométrico, segundo um eixo leste-oeste, coincidente com a direção avenida San Martín e Ruta 5, mas que não se rebate sobre as circunstâncias imediatas de entorno; ao contrário, existe uma certa oposição entre a direção norte-oeste e a direção leste-sul, no momento de fundação do Centro Cívico. Em outras palavras, se a metade oeste era a finalização da área urbana, como uma cabeça para a avenida principal da cidade, a metade leste era pampa.

Se o desenho pode ser visto como uma resposta a essa dupla condição, de homogeneidade, do ponto de vista do parcelamento, com a presença dominante da quadrícula, e de heterogeneidade, com respeito ao equilíbrio entre elementos urbanos e naturais, a cobertura central tem aqui um papel fundamental (Fig. 3; Fig. 5). Não estamos diante da monumentalidade barroca, que define o edifício como o foco principal para um eixo de progressão espacial, mas de uma tradição de composição relacional, baseada no emprego de grandes elementos ordenadores do espaço. Como grande peça urbana, a Casa de Governo está colocada de modo a facear o eixo definido pela avenida San Martín, eixo que, de certo modo, sublinha e prolonga ao interior do Centro Cívico. A praça cívica é dominada pela cobertura composta por 28 “sombriñas” de concreto armado – abóbadas quadrangulares invertidas, com apoio central cruciforme, que resistem de forma independente. Sua posição central, com relação à totalidade do terreno, assinala a existência de um recinto público, como limite entre duas zonas não completamente homogêneas - uma artificial, pavimentada, incluindo estacionamentos; e outra natural, em que se preserva a cobertura vegetal - que a barra de certa forma interpenetra. A cantoneira formada pela barra e por essa cobertura organiza o espaço público, que irá arrematar o eixo leste-oeste definido pela avenida San Martín, como culminação de um percurso que se originou no centro da cidade. Porém o que se coloca no ápice desse importante eixo urbano não é um edifício, mas um vazio: a praça cívica, definida pela cobertura. Um elemento de arquitetura, não um edifício, exerce um papel de antecipação: uma parede curva e perfurada, denominada “puerta del sol”, como nas culturas pré-colombianas.

A terceira peça a fechar esse esquema é a Estação Terminal de Ônibus, colocada na face do terreno oposta à Casa de Governo. Hoje ampliada, a estação era originalmente uma estrutura permeável, com seis plataformas de embarque e um núcleo de serviços organizado sob uma grande cobertura, obtida através do mesmo sistema utilizado na praça coberta. Estas três estruturas arquitetônicas - Casa de Governo, praça coberta e Terminal de Ônibus - estão finalizadas em 1963, completando a primeira etapa na consolidação do Centro Cívico.

Um quarto elemento surge, entre 1974-1976, quando Testa projeta e constrói, com Augusto Gaido, Francisco Rossi e Héctor Lacarra, o Palácio Legislativo. Este edifício se implanta ao lado do terminal rodoviário, definindo a fachada norte da área do Centro Cívico. Embora rejeitando a solução do tipo monobloco empregada na Casa de Governo, adota um repertório arquitetônico e dispositivos estruturais semelhantes.

LA PAMPA INTERROTTA, 1980

Nesse ponto, La Pampa poderia exemplificar uma das diversas respostas modernas para o debate da nova monumentalidade, levantado por Siegfried Giedion e outros, na década de quarenta, na linha de realizações latino-americanas anteriores, como o Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, ou as cidades universitárias do México e Caracas. Ao contrário daqueles esquemas baseados no “*historicismo pseudo-monumental*”, que Giedion tanto deplorava, o Centro Cívico de La Pampa podia ser considerado, de fato, ambas as coisas, moderno e monumental. “*Nu e áspero, porém verdadeiro*”, tal como Giedion havia dito das grandes fábricas e mercados, que lhe pareciam os verdadeiros monumentos do século 19 (GIEDION, 1948, p. 117-128). Em La Pampa, programas cotidianos, como um terminal de ônibus, não são considerados incompatíveis com a demanda cívica; tipologias correntes e repetitivas, como o bloco linear, são usadas para abrigar funções especiais e representativas, como na Casa de Governo. A proposição moderna, em suas implicações urbanas, não reproduz a situação existente, mas a converte em parte do problema. Embora as edificações não se organizem sobre os alinhamentos urbanos, como blocos contínuos que preservam as diferenciações entre frente e fundo, características da cidade tradicional, as relações com o parcelamento persistem, existindo como quadro de referência sobre o qual se executam as transformações.

Este poderia ser um final confortável, mas a história do Centro Cívico não termina aqui. Em 1980, um segundo concurso foi lançado, com o objetivo de incluir um Centro Cultural e o Palácio da Justiça, além de estudar a ampliação da Casa de Governo e do Terminal de Ônibus. A proposta de Testa, desenvolvida com Francisco Rossi e Héctor Lacarra, foi selecionada em primeiro lugar, porém nunca foi executada (Fig. 4). O componente principal desse esquema, o Centro Cultural, opõe, ao volume unitário e sóbrio da Casa de Governo, a peça mais importante do primeiro estágio, uma concepção fragmentária, baseada numa sequência intrincada de volumes, dispostos ao longo de um eixo diagonal que cresce a partir do ângulo sudeste do terreno. O movimento pedestre é enfatizado,

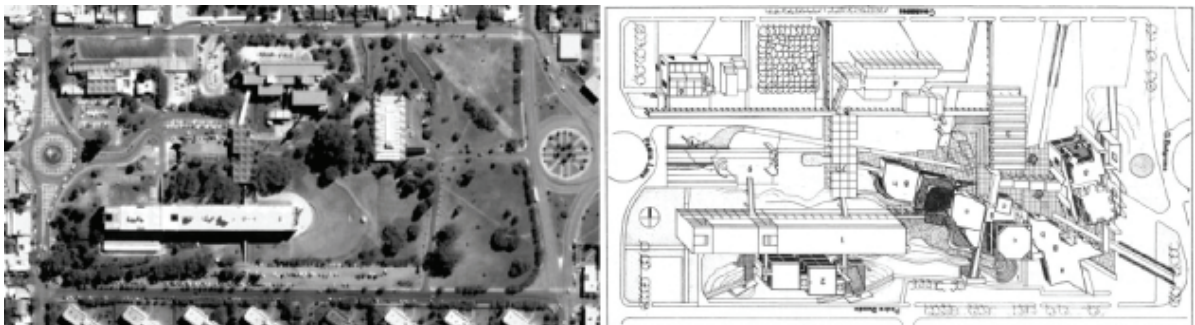


Figura 4: Situação atual, comparada à proposta apresentada por Clorindo Testa (com Francisco Rossi e Héctor Lacarra) ao concurso de 1980 para o Centro Cívico. Fonte: Montagem da autora utilizando mapa Google e material do concurso publicado em Summa n. 183/184, jan./fev. 1983.

materializado em um sistema de galerias contínuas que ligam os edifícios novos com os já existentes. Essas estruturas delimitam os espaços públicos, redefinindo-os como vazios regulares. Tais estratégias da “cidade de colisão”, talvez aprendidas de Colin Rowe, refletem o interesse geral da década de 1980 nos tecidos urbanos e na Roma de Nolli. A solução híbrida de Testa exalta a ideia de cidade colagem, embora provocada antes por uma escolha própria de desenho, do que por circunstâncias historicamente construídas. Se a grande intervenção prevista em 1980, superando os 20 mil metros quadrados, nunca se realiza, Testa constrói, em 2006, a pequena Biblioteca do Legislativo, com Miguel García. Apesar de se tratar do mesmo autor, e a despeito da hábil inserção da nova biblioteca no domínio do edifício a que assiste, o desenho explora a aparência contrastante com respeito à primeira etapa.³

UMA CONDIÇÃO INACABADA

O Centro Cívico nunca foi realmente concluído como espaço urbano. A despeito da inclusão eventual de outras edificações, a questão da ocupação da zona Leste ainda permanece em aberto. Autores como Vidler e Purini já salientaram a condição incompleta inerente à cidade industrial moderna, incapaz de ser experimentada como unidade. A ideia mesma de cidade moderna corresponderia a uma tarefa inacabada, que nunca chega a realizar-se, a não ser por um conjunto de fragmentos em separado, relacionados a um determinado projeto histórico, heroico e postergado (VIDLER, 1992, p. 70-71; PURINI, 1984, p. 124).

Há algo perturbador na La Pampa *interrotta* dos anos oitenta. Aparentemente, representa uma retirada com relação aos ideais do Movimento Moderno, talvez não tão diferente daquela de que Reyner Banham havia acusado o *Neoliberty* italiano, em 1959 (BANHAM, 1959, p. 230-235). Se consideramos a arquitetura moderna em seu sentido mais restrito, aquele identificado com as estratégias de desenho urbano e repertório arquitetônico que têm sua origem nas vanguardas modernas do início do século, Testa teria, na

³ Sobre a nova Biblioteca do Legislativo (Clorindo Testa e Miguel García, 2006), ver: ACUÑA, V. Pluralidad de forma y lectura. Biblioteca de la Cámara de Diputados. Ciudad de Santa Rosa, provincia de La Pampa. Clorindo Testa, Miguel García (Dirección de arquitectura de La Pampa). *Summa+*, Buenos Aires, n. 83, p. 82-88, 2006.

Figura 5: Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa. Fonte: Arquivo de Clorindo Testa



década de 1980, desistido de construir a cidade moderna em La Pampa. Mas este segundo projeto também expõe a natureza complexa do trabalho de interferir sobre o existente. Se nem todas as respostas para o presente estão prefiguradas no passado, tampouco é verdadeiro que toda mudança seja necessariamente garantia de melhoramento. O primeiro projeto de Testa para o Centro Cívico era, de fato, melhor que o segundo, e não porque mais moderno, ou mais universal, ainda que estes adjetivos sejam aplicáveis. Em comparação com a cenografia dos anos 1980, a proposta de 1955 foi muito mais efetiva, na estruturação da grande área, ainda vagamente definida do ponto de vista urbanístico, por meio da manipulação de um número restrito de elementos construídos. Embora não estivesse prioritariamente comprometida com discursos contextualistas ou sensibilidades regionais, esta proposta se armava a partir de circunstâncias urbanas específicas, e empregava as técnicas e os materiais que eram viáveis naquele momento. Modificados ou ampliados, mais ou menos conservados, os edifícios estão em pleno uso. A arquitetura moderna de Testa e colaboradores em La Pampa provou-se resistente no tempo. No entanto, a atitude de Testa diante do passado, em 1980, era análoga à que ele professava em 1955, no sentido de que aceitava sua própria temporalidade: apesar da cara pós-moderna, recorda o refrão futurista “a cada geração, uma casa”, como qualquer atitude ativa de desenho, em que o passado não prevalece sobre o presente.

Conceitualmente, a condição inacabada do espaço cívico e monumental moderno define uma aporia, como impasse lógico, ou contradição inevitável que habita essa forma narrativa: monumento moderno. A aceitação da temporalidade implicada na ideia de modernidade supõe um sentido dinâmico de tempo, que recusa o estatuto básico de permanência do monumento, tão bem definido por Choay, como aquilo que precisamente deve resistir contra a entropia (CHOAY, 2001, p. 18). No Movimento Moderno, o debate dos 40 em busca da nova monumentalidade invocou essa dimensão de tempo, mesmo que naquele momento essa preocupação pareça ter sido superada pelas questões de representação. A contribuição de Gropius para esse debate considerava o monumento antigo como o símbolo de uma concepção estática do mundo, que foi “*anulada por uma nova concepção da relatividade através de energias transformadoras*”. Ele acreditava que um equivalente para a expressão monumental do passado estava sendo desenvolvido por “*um novo padrão caracterizado pela flexibilidade para o crescimento contínuo e para a mudança*”, não como a “*música congelada de símbolos estáticos*”, mas como uma qualidade do ambiente físico “*em processo de transformação contínua*” (GIEDION, 1948, p. 127).

Reconhecer a condição inacabada como constitutiva da tradição moderna pode fornecer uma chave para refazer os paradoxos do monumento moderno. Isso implica uma visão crítica sobre a concepção essencialmente conservadora do monumento histórico, tal como formulada na Carta de Veneza, e cobra uma visão mais ativa e arquitetônica do tema (SOLÀ-MORALES, 1987). O caso de La Pampa sugere que esta aporia, que não pode ser resolvida no nível discursivo, pode, entretanto, ser confrontada por meio de um pensamento artístico e projetual.

Como dito, em ambos concursos, Testa adota uma atitude ativa diante do passado, ainda que com resultados distintos. Se conceitos como memória, contexto, preexistência, tecido urbano tendem a estar em primeiro plano, nos raciocínios disciplinares dos anos 80, ocasião do segundo concurso, eles certamente podiam não estar explicitamente formulados no discurso moderno contemporâneo ao primeiro concurso. Se a arquitetura moderna se dispunha a revisar a cidade tradicional, a ideia de *tabula rasa* podia ser aceita como ponto de partida preferencial. Entretanto a prática arquitetônica e artística de Testa, na ocasião do primeiro concurso, tem uma espessura que comporta entendimentos talvez mais complexos do problema.

No primeiro concurso, Testa deseja a “*cidade da arquitetura moderna*”, recorrendo aqui à expressão, cunhada por Colin Rowe para descrever uma certa ideia de cidade, vinculada à emergência do Movimento Moderno em arquitetura, que se opunha à cidade tradicional, entre outros aspectos, pelo protagonismo do vazio. Rowe descreveu a cidade da arquitetura moderna como o inverso da cidade tradicional, de tal modo que ambas poderiam constituir leituras alternativas de um diagrama Gestalt que ilustrasse as duas caras do fenômeno figura-fundo. Nesses diagramas, se a cidade tradicional é quase negra, a cidade da arquitetura moderna é quase branca; se a cidade tradicional é a acumulação de vazios em um sólido pouco manipulado, simetricamente, a cidade da arquitetura moderna é a acumulação de sólidos em um vazio quase sem manipular (ROWE, 1981, p. 63). Nesse esquema (e deve-se ter em mente que se tratava de um esquema), o vazio moderno era facilmente associável à noção de *tabula rasa* e, implicitamente, ao ocultamento da história, da memória e das dimensões culturais.

Mas, se é verdade que Testa adotou o critério de composição urbana moderna, dos edifícios concebidos como peças isoladas dispostas sobre o vazio, isso não o impediu de realizar, por meio da arquitetura e da pintura, o que aqui se propõe chamar operações de recuperação, como estratégias destinadas a lidar com esse vazio - seja com o vazio da cidade moderna, seja com o vazio mitológico do pampa -, que incorporavam dimensões históricas, memorialísticas, culturais. Assim como o mural abstrato representa uma operação de recuperação dos eventos ligados ao surgimento do lugar – portanto de recuperação da memória -, o marco parcelário repercute na base geométrica do arranjo urbano e nas relações novas que os edifícios inauguram sobre o vazio, situando historicamente esse vazio.

A cidade moderna é, ainda, uma questão em aberto, para a qual a visão normativa das cartas, de Atenas a Veneza, parece ter oferecido um conjunto de respostas limitado e limitador. Talvez outras respostas possam ser encontradas, nas múltiplas dimensões do problema arquitetônico, definido como operação interpretativa, que articula história e lugar, mas que sempre atualiza o passado no tempo presente.

REFERÊNCIAS

- BANHAM, R. Neoliberty: the italian retreat from modern Architecture. *The Architectural Review*, n. 747, p. 230-235, 1959.
- BREA, A.; DAGNINO, T. *Señores arquitectos. Diálogos con Mario Roberto Alvarez y Clorindo Testa*. Buenos Aires: Ediciones Ubroc, 1999. 225 p.
- CABRAL, C.P.C. Notes on the unfinished modern monument. Clorindo Testa's Civic Center in Santa Rosa, La Pampa. In: INTERNATIONAL DOCOMOMO CONFERENCE, 10., 2008, Rotterdam. *Anais...* Rotterdam: IOS Press, Delft University Press, 2008.
- CABRAL, C.P.C.; CORADIN, C.S. Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006). In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.
- CHOAY, F. *Alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001. 282 p.
- CUADRA, M.; MARTÍNEZ, A.C. *Clorindo Testa, Architect*. Rotterdam: NAI Publishers, 2000. 160 p.
- PALACIOS, R. G. Genealogía y transformaciones del trazado de Santa Rosa, La Pampa, entre 1881 y 1931. *Registros*, n. 1, p. 151-162, 2003.
- GIEDION, S. et al. In search of a New Monumentality: a symposium by Gregor Paulsson, Henry-Russel Hitchcock, William Holford, Sigfried Giedion, Walter Gropius, Lucio Costa, Alfred Roth. *The Architectural Review*, n. 621, p. 117-128, 1948.
- PURINI, F. *La Arquitectura didáctica*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1984. 242 p.
- ESTRADA, E. M. *Radiografía de La Pampa* [1933]. Buenos Aires: Allca Scipione Cultural, 1997. 586 p.
- ROWE, C.; KOETTER, F. *Ciudad collage*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. 182 p.
- SOLÀ-MORALES, I. *Teorías de la intervención arquitectónica*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 1987. 24 p.
- SCHERE, Rolando. *Concursos 1826-2006*. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos, 2008.
- SEGRE, R. O realismo mágico na arquitetura argentina. *AU*, n. 106, p. 61-67, 2003.
- TESTA, C. Casa de Gobierno de La Pampa. *Summa*, Buenos Aires, n. 2, p. 39-49, 1963.
- TESTA, C.; LACARRA, H.; ROSSI, F. Centro Cívico de Santa Rosa La Pampa. Ampliación Casa de Gobierno y Ministerios, Palácio de Justicia y Centro Cultural. *Summa*, Buenos Aires, n. 183/184, p. 106-109, 1983.
- VIDLER, A. *The architectural uncanny*. Cambridge: The MIT Press, 1992. 257 p.
- ZAGO, M. *La Pampa Argentina*. Buenos Aires: Gobierno de La Pampa, 1999. 175 p.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq. Em La Pampa, devo agradecimentos a Miguel García, Dirección de Arquitectura de La Pampa, coautor da Biblioteca do Palácio Legislativo, pelos preciosos esclarecimentos sobre o Centro Cívico e o contexto pampiano, bem como por haver tornado possível minha visita ao interior dos edifícios. Agradeço a Clorindo Testa, pela grata conversa sobre o Centro Cívico, a Fernando Diez, por haver facilitado ambos contatos, e a Horacio Torrent pelos comentários à versão inicial deste trabalho, apresentada no 10th International Docomomo Conference (Rotterdam, 2008).

Nota do Editor

Data de submissão: Setembro 2012

Aprovação: Fevereiro 2013

Cláudia Costa Cabral

Arquiteta (UFRGS), doutora em Arquitetura (ETSAB, UPC, Barcelona). Professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora permanente do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Propar-UFRGS); líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Arquitetura Moderna Latino-Americana.

Faculdade de Arquitetura – UFRGS

Rua Sarmiento Leite, 320, sala 201

90150-170 - Porto Alegre, RS

(51) 3308-3485

claudia.cabral@pesquisador.cnpq.br,

cabralfendt@terra.com.br